

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

"UMA EXPERIÊNCIA COM GOSTO DE MUDANÇA"

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO
SUPERVISIONADO DA PRÁTICA DE ENSINO
DO CURSO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
APRESENTADO PELA ALUNA
MARIA DA GUIA SANTOS SILVA

CAMPINA GRANDE - SETEMBRO - 1996

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

“UMA EXPERIÊNCIA COM GOSTO DE MUDANÇA”

CORDENADORA : ERONIDES CÂMARA DONATO

ORIENTADORA : ERONIDES CÂMARA DONATO

ALUNA : MARIA DA GUIA S. SILVA

PERÍODO : 96.1

CAMPINA GRANDE - SETEMBRO - 1996.1



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

S U M Á R I O

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1. ESCOLA NA COMUNIDADE

2. RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

3. AVALIAÇÃO: PROBLEMA OU SOLUÇÃO ?

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

5. BIBLIOGRAFIA

6. ANEXOS

DEDICATÓRIA

Dedico este relatório,

À meus pais, aos meus filhos, netos e amigos.

E agradeço,

À Deus, aos professores e alunos da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, bem como a professora Eronides Câmara Donato e a todos aqueles que acreditam na transformação através da luta.

Homenagem,

À Dona Didi pela força para que eu pudesse voltar a estudar.

APRESENTAÇÃO

Olhar para a situação da educação no país é ver o caos e a desordem. O descaso do governo se manifesta na falta de política e na ausência de investimento e valorização do profissional na área de educação.

Os profissionais da educação neste caso, o professor é muito desprestigiado pelo governo, desde a questão salarial bem como as condições de trabalho que lhes são oferecidas.

O presente relatório tem como objetivo principal servir de reflexão para fomentar as discussões sobre os assuntos constantes no mesmo, pois assim julgamos importante para quem está ingressando na difícil profissão de educador.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado das experiências de pesquisa no estágio realizado nas escolas Estaduais de 1º e 2º Graus, Ademar Veloso da Silveira em Bodocongó e Colégio Estadual da Prata.

Todavia, a nossa finalidade será num primeiro momento mostrar como surgiu a escola no bairro, e as experiências realizadas no estágio para conclusão do curso de Licenciatura Plena em História.

Além disso, pretendemos escrever um Capítulo todo dedicado a problemática da avaliação nas escolas de 1º e 2º Graus.

Este relatório está dividido em partes, proporcionando ao leitor uma melhor compreensão do processo educacional, e da relação entre aluna estagiária e escola pesquisada.

Na primeira parte deste texto apresentamos a historicidade da Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira, no que diz respeito a sua criação neste processo foi possível perceber como a comunidade se organizou sob a orientação da estagiária de Serviço Social para reivindicar e trazer uma escola secundarista para o bairro. No segundo momento vamos relatar nossas experiências no Estágio Supervisionando a partir das atividades pedagógicas desenvolvidas em

sala de aula, de modo que no final possamos detectar os problemas mais comum no ensino da disciplina histórica. A terceira parte é um Capítulo dedicado a avaliação, objeto de nossas preocupações, devido os paradoxos desta com o processo ensino aprendizagem.

Finalmente a última parte será reservada as nossas considerações finais e aos anexos, bem como do material de apoio para realização do nosso compromisso com o curso que hora concluímos.

CAPÍTULO I

ESCOLA NA COMUNIDADE

**“A história não é mecânica, porque os
os homens são livres para
transformá-la.”**

Ernesto Sábató

ESCOLA NA COMUNIDADE

Estamos em 1996, o presente capítulo contém uma abordagem descrita dos principais aspectos considerados importantes para o surgimento da Escola Estadual no bairro de Bodocongó.

Como fonte de dados para a elaboração da historicidade da escola, foi utilizado o livro, “Estadual de Bodocongó: Uma Fonte de Saber”¹; onde selecionamos algumas experiências ocorridas ao longo desses anos de funcionamento, bem como sua relação com o local onde a escola está localizada.

Todavia, um dos pontos básicos que deverão nortear nossos estudos, num primeiro momento é perceber os fatores que motivaram alguns moradores a juntar-se a SABB (Sociedade de Amigos de Bairro de Bodocongó) para através da organização conseguir uma “sucursal”² do Colégio Estadual de Campina Grande.

¹SOUZA, Valba Luz Freire de. “Estadual de Bodocongó: Uma Fonte do Saber”. Histórico do Colégio Estadual de Bodocongó 1965-1995. Trabalho mimeografado em forma de livro.

²Estamos chamando de Sucursal (todas as Escolas) “filiais” do Colégio Estadual de 2º Grau Dr. Elpidio de Almeida.

A EXPERIÊNCIA COM O 2º GRAU

No 2º Grau nós estagiamos numa turma de 3º ano, e não foi um trabalho muito interessante porque a escola tinha normas³ que deveriam ser observadas e cumpridas por nós. Logo que chegamos a escola a professora da disciplina nos informou que não poderíamos ministrar mais de seis aulas ou seja, só três dias na escola, cada dia, duas aulas. Sem dúvida, não seria uma aula a mais que demonstraríamos que estávamos preparados ou não para o exercício da profissão; mas a forma como aconteceu nosso estágio deu-nos a impressão de que não tínhamos nada para contar. Para nós, existe este vazio de quem passou mas que não ficou muito o quer dizer. Muito embora para nós ter tido a oportunidade de darmos aulas para um terceiro ano foi muito interessante. Nós nunca havíamos ensinado o 2º grau então fomos para escola com muitas expectativas, nós imaginávamos uma turma bem inquieta com um nível de conhecimento bem mais elevado, e pensávamos que eles fossem nos “encher” de perguntas, o que não aconteceu.

Não quero dizer com isso que não há uma diferença do 1º e o 2º graus mas, a nossa experiência na Escola de 2º grau deixou muito a de-

³ As normas a que nos referimos é sobre o sistema de avaliação, pois a Escola a cada quinze dias submetia os alunos a provas-exames. Essa avaliação dificultou nosso planejamento na escola.

sejar, porque infelizmente ainda há alunos que mesmo estando prestes a fazer o vestibular têm dificuldade de demonstrar seus conhecimentos.

No 3º ano os conteúdos são de História Geral e História do Brasil e o nosso primeiro passo foi o planejamento, feito a partir do plano de ensino da Escola. Nós preparamos as aulas, selecionamos os conteúdos, e iniciamos com uma reflexão sobre o significado do dia 07 de setembro. A metodologia foi através da aula expositivo-dialogada, estudo de textos como técnica de ensino e o resultado foi satisfatório, muito embora na nossa avaliação nosso estágio acabou sendo prejudicado devido ao sistema de provas e testes utilizado pela escola a cada quinze dias.

Conforme o livro "Estadual de Bodocongó: Uma Fonte do Saber", a mesma surgiu de uma necessidade sentida pela comunidade do bairro. Em 1964 foi feita uma pesquisa nesta comunidade pela estagiária de Serviço Social Dione Filgueira dos Santos para um levantamento dos problemas locais. Naquele momento, um dos problemas apresentados foi a urgente necessidade de uma Escola secundarista no bairro, devido a grande distância existente entre este e o centro da cidade.

Mas dando prosseguimento ao nosso estudo, passamos a relatar o processo de organização no bairro de Bodocongó, visando a criação de uma escola secundarista.

Todavia, é importante assinalar os grupos entidades envolvidos nesse processo de criação da escola, dentre eles: a Sociedade de Amigos do Bairro de Bodocongó (SABB), o vigário da Paróquia, os industriais do bairro e alguns moradores, que sob a orientação da estagiária de Serviço Social fizeram várias reuniões com presença do diretor do Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida.

Como foi dito antes, a pesquisa feita inicialmente, foi para saber quantos alunos estudavam no centro da cidade, o resultado foi o seguinte: para fazer o exame de admissão à primeira série ginásial havia 120 (cento e vinte) alunos e cursando em outros colégios 90 (noventa) alunos. Depois dessa pesquisa ficou definido que a Paróquia de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, contribuiria com o espaço da Escola Santa de Rita, enquanto o Estado entraria com o corpo docente e administrativo, além dos móveis e do material didático. A indústria cabia a tarefa de ampliação do Grupo Escolar Francisco Manuel da Mota, localizado no mesmo Bairro (atualmente conveniado com SESI) para o funcionamento no ano seguinte (1965).

Assim, no dia 1º de abril de 1965 foi instalada a segunda sucursal do colégio Estadual de campina Grande: na escola Santa Rita no bairro de Bodocongó, sob a administração geral do diretor Raimundo Gadelha.

A nova sucursal iniciou suas atividades com cento e vinte alunos divididos em quatro turmas: duas 2ª séries, uma 1ª e uma 3ª série. No primeiro ano de funcionamento foi aberta a matrícula para o exame de admissão de 1ª série, dos cinquenta e três alunos que fizeram o teste apenas 19 (dezenove) foram aprovados.

Mas o que é esse exame de admissão? O que ele significou dentro do contexto das reformas do ensino de 1º e 2º graus para comunidade estudantil ? sem um maior aprofundamento dessa questão, a citação abaixo permite tanto o leitor esclarecer sobre o assunto como buscar posteriores informações a cerca do mesmo.

“No Brasil a articulação entre os diversos graus de ensino sempre foi dominado por obstáculos e barreiras e não por passagens graduais que permitissem um ajustamento progressivo da criança, do adolescente e do jovem às dificuldades crescentes do processo educativo. A ausência de uma sistema escolar voltado para a formação completa do ser que aprende, impôs um procedimento estanque em cada grau. A passagem de primário (4 anos) para o secundário (7 anos), até 1971, era truncada pelo exame de admissão. Hoje, o obstáculo, de fato, ocorre na passagem do ensino de 1º grau (8 anos)

para o 2º grau, através do chamado vestibulinho, pelo qual o poder público exime-se de dar continuidade escolar aos que cumprem a obrigatoriedade escolar (7 aos 14 anos)⁴. (REIS, Cassemiro)

A sucursal de Bodocongó iniciou suas atividades por ministrar além das disciplinas constantes do núcleo comum, obrigatório em âmbito nacional "mas inclusão da parte vocacional"⁵.

Em agosto do mesmo ano de fundação da Escola foram contratados novos funcionários, José Vero Leal (auxiliar de Serviço) Terezinha Sousa Silva (auxiliar de escrita). Tanto o diretor Raimundo Gadelha como a secretária Odete Cavalcante contribuíram bastante com suas experiências e incentivos para o êxito da nova sucursal.

Mesmo com o desenvolvimento e crescimento da escola no bairro, havia uma diferença fundamental: ser sucursal significaria depender de uma matriz maior, neste caso a sucursal de Bodocongó estava vinculada

⁴ REIS, Cassemiro F. dos. Educação Brasileira Contemporânea: Organização e Funcionamento. p. 203.

⁵ Idem.

ao Colégio Estadual da Prata, em outras palavras a escola não tinha autonomia, pois as decisões eram emanadas da matriz onde as políticas educacionais eram tomadas.

Assim, com o surgimento de novos bairros, a área de abrangência da escola se ampliou mas o espaço não acompanhou essa nova realidade. No ano seguinte a escola Santa Rita contribui com mais uma sala aumentando a oferta de vagas que passou a duzentos alunos, para o turno da noite foi designado o professor Francisco de Assis Martins para dirigir a escola, até o final do ano, sendo substituído por José Lucas Filho. Após os dados sobre o Colégio Estadual de Bodocongó, falaremos sobre o Colégio Estadual da Prata, ontem e hoje.

Como era de se esperar nos anos seguintes tanto o número de alunos se ampliou (ofertas de vagas também) conseqüentemente aumentou o número de professores e funcionários ver Quadro nº 1.

QUADRO Nº 1

<i>ANO</i>	<i>PROFESSORES</i>	<i>FUNCIONÁRIOS</i>
1965	11	10
1966	13	10
1967	11	09
1968	14	11
1969	17	11
1970	49	10
1971	61	25
1972	59	22
1973	62	31
1974	60	43

Dados do livro da escola mostram que a cada dia gradativamente os números tem se ampliado ver Quadro nº 2.

QUADRO Nº 2

ANOS	TURNOS	TOTAL/ALUNOS
1965	NOITE	127
1980	MANHÃ	499
	TARDE	498
	NOITE	504
	TOTAL	1.507
1995	MANHÃ	719
	TARDE	703
	NOITE	689
	TOTAL	2.111

Mas qual a origem do nome da Escola ? Foi porque o industrial Ademar Veloso da Silveira foi responsável pela doação de um terreno ao estado para construção do prédio próprio do colégio, tendo sido agraciado pela justíssima homenagem como patrono da escola que a partir da sua inauguração passava a chamar-se Colégio Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira.

Outro fato interessante para a vida da escola viria acontecer em 1965, por ocasião do decreto 4.596, de 07.06.68 dispondo sobre a autonomia das secções dos Colégios estaduais de João Pessoa e Campina Grande. O decreto que foi publicado no Diário Oficial do estado da Paraíba dispunha sobre a estrutura e funcionamento das

escolas Estaduais. desse forma, três anos depois de funcionar como Sucursal o Colégio de Bodocongó tornou-se independente adquirindo autonomia própria sob a administração do mesmo diretor José Lucas Filho.

Neste período a secretaria de Educação do Estado tinha apenas duas zonais "o primeiro localizava-se em João Pessoa no Liceu Paraibano o segundo em Campina Grande através do Colégio estadual da Prata " O Gigantão".

Atualmente, numa proposta a partir do Governo Buriti a secretária de educação do Estado passou a distribuição educacional por regionais; a primeira região João Pessoa sendo que Campina Grande faz parte da Regional (3º Centro Regional de Educação e cultura,) CREC órgão responsável pelos Escolas Estaduais vinculadas e região de Campina Grande.

A 2º Sucursal (Bodocongó) pela própria história de organização, não demorou muito para adquirir sua autonomia, pois por ocasião de sua inauguração, já nos primeiros anos, duas coisas viria acontecer que daria impulso ao plano de crescimento da Escola.

Primeiro, de um lado, a situação educacional no bairro melhorou, por outro lado o espaço físico se tornou precário. A Escola só comportava cento e vinte e sete alunos; desses apenas vinte e três moravam no bairro enquanto cento e quatro eram de treze bairros diferentes (segundo livro da Escola).

O término da construção da Escola no entanto estaria prevista para o primeiro semestre do ano seguinte (1969) mas mesma só viria a ser inaugurada o final do ano ou seja, outubro 1969.

Com a Escola funcionando em prédio próprio, as dificuldades foram superadas. Por que ? É que no ano seguinte houve uma procura considerável de vagas, enquanto a oferta de vagas foi insuficiente para atender a demanda; tendo sido necessário deslocar três turmas para o grupo escolar Francisco Manuel da Mota, no turno da tarde, ficando a outra parte no Santa Rita a noite.

Todavia, como era de se esperar, nos anos seguintes, tanto o número de alunos se ampliou quanto a oferta de vagas, conseqüentemente aumentou também o número de professores e funcionários. Veja tabela na página seguinte:

ANO	ALUNOS	PROFESSORES	FUNCCIONARIOS
1965	127	11	10
1966	200	13	10
1967	216	11	09
1968	256	14	11
1969	357	17	11
1970	875	49	30
1971	932	61	25
1972	1.068	59	22
1973	1.324	62	31
1974	1.216	60	43
1975	1.148	54	35
1976	1.175	48	35
1977	1.402	46	37
1978	1.447	49	32
1979	1.447	52	32
1980	1501	58	32

O quadro acima mostra o número de alunos, professores e funcionários de 1965 a 1980. (Fonte o Livro da Escola).

Neste mesmo ano, vários departamentos foram criados: Departamento de Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e Educação Física; foi implantada a biblioteca José Lucas Filho; (enciclopédia Barsa, Dicionários e outros livros) faziam parte da estante.

Quanto ao gabinete médico, foi transformado em gabinete dentário para dar assistência odontológica aos educandos, sob a orientação da Odontóloga Francisca Ioná Claudino Pereira Palitot.

Neste ínterim, dois Vices-diretores foram contratados: Imperiano da Costa e João Formiga de Almeida, além de dois sub-secretários, Maria do Socorro Farias e José Orlando Dantas.

Com a reforma do ensino sob a Lei 5692/71 o ensino passaria a ser dividido em 1º e 2º Graus. Seria eliminado o exame de admissão uma espécie de provão intermediando o antigo primário e ginásio.

Pela Lei 5692/71, o primário seria incorporado ao ginásio passando a denominação de 1º grau o colegial passaria a chamar-se 2º grau.

Com a reformulação do ensino em 1971 a escola passou a denominar-se de 1º e 2º graus; Portaria 212 de 28.03.73 publicado no Diário Oficial do Estado da Paraíba.

Neste ano foi implantado o Serviço de Orientação Educacional (SOE), sob a orientação de Maria Pía Palitot, e através de um concurso promovido pela escola ampliava-se o emblemário da simbologia do colégio, dessa feita o desenho da Bandeira por um aluno da 8ª série vencedor do concurso. Os símbolos são muito utilizados por determinados grupos como forma de construir na memória popular a representação de algo que se quer referendar; foi assim com a Independência, a República a própria construção do mito Tiradentes, como tão bem trata José Murilo de Carvalho em Formação das Almas.

Através da portaria 715/74 publicado no Diário Oficial do Estado no uso de suas atribuições o Secretário da Educação e Cultura, José

Carlos Dias de Freitas determinou a criação do Complexo Educacional em Bodocongó.

Por que essas escolas ? Porque só poderia fazer parte desse complexo as escolas de nível primário e ginásial ou seja, as escolas de 1ª a 4ª séries circunvizinhas de outras escola de 5ª a 8ª séries.

As escolas que faziam parte do complexo tinham uma educação integrada e voltada para a profissionalização assim depois de estar desativada a quase quatro anos, a oficina passou a funcionar, estava coordenando esse complexo a profª Maria Euríce Brasileiro pela portaria 457, de 10/07/74.

Em seguida foi designada a profª Madalena Padilha de Castro.

O leitor pode-se perguntar por que entrava e saia tantos diretores? a Escola Estadual de Bodocongo ao longo de sua história teve vários diretores por indicação. Em outros palavras até década de 80, os diretores de escolas eram indicados pelo Secretário .

A partir do Governo de Tarciso de Miranda Burity atendendo uma velha aspiração e luta dos professores através do Sindicato da Educação do estado, antiga AMPEP foi criado o Estatuto do magistério

público que dentre outras disposições regulamentava as eleições nas escolas do Estado.

Mas voltando a década de 70, em 1974 o professor Marcial ficaria à disposição do Departamento de assistência ao Educando (como médico) neste mesmo ano a escola recebeu os instrumentos de Banda Marcial, doados pela Secretaria de Educação e Cultura.

Em 1972, o Colégio foi presenteado pela composição do hino da Escola, a letra e a música foram da Profª Miriam Xavier de Araújo.

Após ser gravado, o hino foi executado pela Banda da Polícia Militar da Paraíba e cantado pelo Coral do Colégio.

Neste mesmo período o centro Cívico Duque de Caxias foi Fundado sob a orientação da Profª de Estudos Sociais, sendo que o primeiro Presidente foi escolhido pelo diretor da Escola. A escolha foi para o aluno da Sétima série Francisco de Assis Albino.

Neste mesmo ano a escola participou do II Festival Colegial de Campina Grande, ficando em 3º lugar com a peça "a ameaça veio com a chuva", além da escolha da mais bela estudante colegial, representada por Vália Maria da Silva.

Nesse ano foi feita a reforma da escola deixando o prédio com outro aspecto. Mais troféu viria para escola, neste ano a Escola ganhou a reforma que que muito tinha solicitado e os alunos da 8ª série Josélia Dantas e Maria Aparecida Galdessa ficaram em 3ª lugar no concurso literário promovido pelo MOBRAL E SECULTURA; foi fundado um centro artístico na Escola sob a coordenação do professor de educação Artística Jorge Miranda.

Em 1979 a escola recebeu a visita do Secretário de educação e cultura. Desse visita o resultado foi a implantação do programa de merenda escolar que a muito era uma aspiração da escola.

A escola recebeu duas orientadoras educacionais e três Supervisoras escolar. Em Junho, o Centro Cívico Duque de Caxias realizou sua primeira Eleição houve candidatos nos Três turnos .

O programa de Educação Integrada a Arte foi iniciado, com a presença de artesões da própria comunidade trabalhando com os alunos de 6ª série dos três turnos. As atividades desenvolvidas foram no setor de Couro, Bonecas de Pano e Violeiros.

CAPÍTULO II

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

**“Quando você precisa tomar uma
decisão e não toma, estar tomando
a decisão de nada fazer”.**

William James

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA

Sou professora da rede Pública Estadual e Municipal desde 1985. Mas nossa primeira experiência foi com educação de adultos, na época com apenas 16 anos de idade, cursando o admissão fomos convidada a lecionar pelo MOBRAL, (Movimento Brasileiro de Alfabetização) .

Todavia, minha primeira habilitação para o magistério só viria acontecer em 1985, quando concluímos o pedagógico e fomos contemplada (seleção de Bolsista) com uma bolsa de estágio.

Dessa forma, ingressamos na rede pública do Estado inicialmente como monitora da 2ª série do 1º Grau. Em 1987 fizemos o concurso promovido pela secretaria de Educação do Estado, fomos classificada e nomeada professora polivalente da Escola Estadual de 1º Grau Poeta Carlos Drummond nas Malvinas¹⁰ .

Em 1990 nós voltamos aos bancos de uma escola, desta vez, não como professora mais como estudante de história, pois havíamos sido aprovada no vestibular daquele ano, e agora iria lutar em busca de uma

¹⁰ Malvinas é o nome popular dado ao Conjunto Populacional Álvaro Gaudêncio, localizado na zona oeste da cidade de Campina Grande.

habilitação específica no ramo que mais gosto de fazer (ensinar-aprender).

Durante a nossa vida profissional não me foi difícil verificar a miséria que envolve a escola e a educação, refletindo diretamente no ensino como um todo, é comum ouvir a decepção de professores, no exercício de sua profissão, de não conseguirem mudar satisfatoriamente os seus alunos para o exercício da cidadania.

Todavia, por mais elementar e precária que sejam estas condições, não podemos ou devemos nos furtar de nossa função primeira, a de transformar. Sei que parecerá utopia, mas acreditamos também que a educação que queremos depende da sociedade e do cidadão que desejamos formar.

A esta altura, alguém poderia perguntar: mas o que tem a ver essas conversas com o processo educativo ou com o ensino de história nas salas de aula? Bem, num primeiro momento, pode até não aparecer associação algumas porém, para um observador mais acurado irá perceber que o pensar e agir dos nossos educadores tem muita coisa a

coisa a ver com a história e o ensino, principalmente numa sociedade capitalista¹¹.

Assim, no dia 27 de maio de 1996, estávamos a caminho da prática de ensino na escola de nossa escolha; o Colégio Estadual de Bodocongó. O primeiro passo para iniciarmos nossas atividades foi o planejamento. Para tanto, nos reuníamos no LABEGH (Laboratório de Estudos Geográficos e Históricos) para fazer a seleção de conteúdos elaborar o plano de ensino que deveria nortear nosso trabalho. Mas o que significa planejamento escolar? segundo alguns autores, como por exemplo; Josefina Martinez e Carlos Lahore¹²,

“dar uma definição que abrange todos aspectos do planejamento da educação é tarefa difícil, já que se trata de um processo complexo, que pode ser legitimamente focado, segundo ponto de vista distintos. Portanto em geral, entende-se por planejamento um processo de previsão de necessidades e nacionalização do emprego dos meios materiais e dos recursos humanos disponíveis, a fim de alcançar objetivos concretos, em prazos determinados em etapas definidas, a partir do conhecimento e valiação científica da situação original”.

Entendemos que o planejamento é muito importante porque permite ao professor organizar as atividades que serão desenvolvidas

¹¹ Aqueles que desejarem compreender melhor esse processo, os mecanismos entre o pensar e agir numa sociedade capitalista, aconselhamos a leitura do trabalho de Adalberto Marson: Reflexões sobre o Processo Histórico.

¹² MARTINEZ, Maria Josefina. Planejamento Escolar - CARLAS E OLIVEIRA LAHORE,

em sala de aula, visando tanto para o aluno como para o professor a definição de objetivos que possam facilitar o processo ensino-aprendizagem. Assim, a partir de algumas idéias sobre para que ensinar, o que ensinar, como ensinar e como avaliar, podemos colocar em prática no dia-a-dia o que foi programado no plano anterior, de maneira que este esteja de acordo com a realidade do aluno.

No primeiro dia que fomos a Escola, procuramos chegar todos juntos. Enquanto parte das estagiárias foram assumindo suas turmas nós definíamos os dias de aula da turma que seriam na quinta e sexta-feira e eram os dias em que nós estávamos disponíveis. Mesmo assim, todos nós fomos apresentados na turma de Luciana¹³, cada um de nós acabou dando um recadinho.

Quando me lembro daquele momento, fico muito emocionada, mesmo com nossas experiências em sala de aula de tantos anos, ali era como se fôssemos a uma escola pela primeira vez, mas, passamos a partir daquele momento a sentir-nos responsáveis uns pelos outros, ou seja, o sucesso de um era o sucesso dos demais.

¹³ Luciana é uma das colegas nossas do Curso de História, que também estagiou neste período junto conosco.

Passado esse primeiro momento nós continuamos a nos encontrar o LABEGH passou a ser nosso laboratório. Lá nós discutíamos planejávamos e avaliamos juntos com nossa coordenadora da prática de ensino , todos nossas atitudes pedagógicas, as falhas, etc.

No nosso primeiro contato com a turma eu me apresentei para eles, e nossa primeira atitude foi de sondar procurando conhecer os alunos, características: como faixa etária, índice de repetência e o que eles achavam da disciplina ou seja, o que é História. As respostas não me surpreenderam. Alguns disseram que era o **“estudo do passado, era a história da humanidade”**. Perguntei se gostavam da disciplina, alguns disseram sim outros dois não, a maioria não opinou; os que disseram que gostavam a justificativa é que **“a história ajuda a entender o passado”**, os que não gostam disseram por que **“é uma narrativa chata onde a professora só fala ou escreve”**.

A partir dessa sondagem nós apresentamos nosso plano de trabalho a ser desenvolvida junto aquela turma 5ª H, pedimos a eles que apresentassem as dúvidas e sugestões e voltamos para avaliar o que havia sido feito e a partir daquele momento reforçou mais ainda em mim a necessidade de mudança através de uma metodologia de ensino que

pudesse no final de cada aula ser diferente do que constantemente é feito na Escola.

A primeira idéia que nos ocorreu, quando iniciamos nossas experiências como estagiarias, mesmo sabendo da realidade do ensino nas escolas públicas, de suas deficiências procuramos nos preparar melhor e levar aos alunos algo diferente que pudesse despertar, neles um maior interesse pela disciplina e conseqüentemente uma maior apreensão e entendimento não só da história, mas da sua relação com a realidade.

Uma das dificuldades, está relacionada com a participação da turma, e esta é considerada a melhor 5ª série da escola, eles estarão quase todos na idade entre onze e doze anos, nossa opção para trabalhar com eles foi pela aula expositivo-dialogada. Percebemos que alguns alunos até que dominavam razoavelmente alguns conteúdos de história mas tinham muitas dificuldades, em expressar esses conhecimentos.

Considerando o ensino de história ministrado nas escolas, se faz necessário compreendermos que estas são reflexo da sociedade na qual estão inseridas. Vivemos numa sociedade ainda extremamente

autoritária. A própria postura do professor é autoritária, daí a maioria de nossos alunos apresentarem insegurança, receios ou mesmo o sentimento do medo no momento da produção do conhecimento. A realização da aula expositivo-dialogada teve a intenção de superar esses medos, esses receios.

Tomada por essas preocupações e tendo que encontrar um meio de não transformar nossas aulas em uma aula tradicional, começamos a refletir uma maneira de tornar o trabalho um ato criativo.

A primeira etapa que estabelecemos para esta nova experiência foi estruturada da seguinte forma:

- Aula expositiva com uso de textos mirneografados.
- Os trabalhos com textos foram muito interessantes porque a medida que ia lendo o texto os alunos assinalavam palavras chaves e/ou conceitos para possíveis esclarecimentos ou dúvidas.
- Nós optamos também por selecionar os conteúdos.

Esta forma de trabalhar primeiro com tema exposição acompanhado da conversa com os alunos além de mostrar a participação no caso da aula expositiva para que a aula não se torne monótona tradicional.

Ao optarmos pela aula expositiva nós sabíamos os riscos que estávamos correndo. Pois o grande desafio foi fazermos uma aula expositiva sem transformá-la numa aula tradicional, para tanto sempre iniciávamos as aulas com uma incentivação da aula.

Na aula sobre a sociedade indígena nós utilizamos alguns trechos da música Curumim (Mara Maravilha) e perguntamos se eles sabiam qual era o tema de nossa aula, eles identificaram que seria sobre os índios.

Outro procedimento utilizado nas aulas foi a exploração dos recursos didáticos, todas as aulas foram enriquecidas pelos cartazes, mapas, gravuras e slide; sem dúvidas o material didático nos ajudou muito, prendeu a atenção tornando mais fácil a compreensão de determinadas palavras chaves como: escambo, feitoria, etc. O uso do SLIDE foi para fixação (reforço) da aula sobre a chegada dos Europeus ao Brasil.

Mas tudo que mencionamos quais as conclusões ou resultados que teremos dessa nossa experiência ?

Primeiro, não vou afirmar que não houve problemas ou dificuldades, na verdade houve muita coisa positiva, como também

surgiram dificuldades, os alunos apresentavam dificuldades em refletir historicamente sobre o presente; outros se sentiam intimidados achando que nós sabíamos muito, daí tinham medo de participar para não errar. Nas primeiras avaliações eles se sentiram pouco a vontade.

Ao chegarmos na Escola, observamos que faltavam para os alunos a 2ª nota do 1ª bimestre, pedimos a eles que fizessem um trabalho sobre os índios. Nós escrevemos no quadro três questões com um pequeno roteiro e eles levaram para casa, e na aula seguinte o resultado foi que a maioria fez uma cópia do livro didático. Com esse tipo de trabalho nos aproveitamos para reforçar o nosso planejamento de forma que o que foi negativo se transformasse em algo positivo. O que fizemos para melhorar discutimos com os alunos sobre a questão da cópia, e o preconceito implícito em algumas palavras com por exemplo "os índios são selvagens e atrasados".

O resultado dos trabalhos seguintes foram totalmente diferentes. Para nós ficou claro quando os alunos estão bem orientados, vê-se seu trabalho fluir com extrema facilidade e naturalidade. Eles são muito criativos, os trabalhos de colagem, desenho e as pinturas com os mapas

e as caravelas realmente demonstrou essa capacidade que eles têm de criar.

Para nós é possível o professor explorar essa criatividade e tornar tanto as aulas mais atrativas como a avaliação de forma, que esta avaliação se torne um ato prazeroso.

Outra dificuldade foi relacionada a própria escola e os professores. Nós fizemos uma exposição dos trabalhos dos alunos, mas infelizmente os professores não prestigiaram nosso trabalho. Os alunos só foram liberados no final da tarde, e os professores porque não apresentavam interesse em participar.

O capítulo seguinte está relacionado ao problema da avaliação objeto de nossas preocupações no Estágio Supervisionado.

CAPÍTULO III

AVALIAÇÃO: PROBLEMA OU SOLUÇÃO ?

“Alguns juizes são absolutamente incorruptíveis. Ninguém consegue induzi-los a fazer justiça”.

Bertold Brecht

AVALIAÇÃO: PROBLEMA OU SOLUÇÃO ?

Várias são as possibilidades para se abordar a temática avaliação - ela é um problema ou uma solução ? Várias são as visões possíveis de se promover esta discussão. Muito mais pertinente, deve ser, sem dúvida, o desenvolvimento desse tema entre os profissionais da educação.

Todavia, o tema da avaliação nos remete a outros temas que no nosso entendimento estão intimamente ligados a este, pelo próprio grau de abrangência que a temática requer. Não se pode falar em avaliação dissociada por exemplo, da discussão sobre educação que por sua vez nos leva a uma reflexão sobre a sociedade e neste contexto, que cidadão queremos formar.

Durante a discussão do tema, talvez fosse necessário tentar-se analisar as possíveis relações entre professor e aluno, ou se destacar isoladamente um dos temas, porém sua abrangência exige a delimitação da discussão.

Contudo, a preocupação com este cidadão que queremos formar, tem levado constantemente nossos educadores a enveredar por

caminhos um tanto quanto tortuosos e controversos. Mas tortuosos para quem ? Para quem avalia (professor) ? Ou para quem é avaliado (aluno) ?

Portanto, o debate sobre a temática em discussão é um desafio, considerando a sua amplitude de possibilidades ou formas de abordagens.

Postas as considerações iniciais optou-se por desenvolver um rápido e sintético comentário. Com isso, torna-se mais fácil inserir a discussão do fazer a avaliação a partir dos aspectos levantados, contextualizando-o para o momento atual.

Segundo o professor José de Melo Neto¹⁴ é necessário colocar-se a seguinte questão:

“que sociedade está-se falando ? Respondida essa questão seria possível adentrar-se em uma outra: que educação pode-se fazer nesse tipo de sociedade ? Esta questão exige resposta a uma outra, qual seja, que o homem se está educando e para que tipo de sociedade ? Isto posto, exige do educador uma “clareza” sobre suas análises da atual sociedade, uma qualificada compreensão analítica dessa sociedade; a partir daí, uma postura frente a mesma tendo como consequência a definição do tipo de homem que se está educando”.

“Iniciando pela primeira questão, a sua resposta não parece difícil aos educadores. A sociedade do atual momento tem as marcas da EXCLUSÃO SOCIAL. Isto não é nenhuma invenção chata ou mal humorada de algum profissional, que talvez não esteja se ‘dando bem’ na sua vida. Não é nada disso. A sociedade de exclusão se comprova em um simples cafezinho que cada um pode está tomando e se deparar com a mendicância ao seu lado. Um idoso ou uma criança que de repente solicita a divisão do pão que se

¹⁴ NETO, José Melo de. Departamento de Educação. UFPPB - Cmpus I - Esse texto não foi ainda publicado. (mimeo).

está comendo. Isto não só incomoda como impossibilita a compreensão de que a sociedade é algo homogêneo, onde todos têm não só os mesmos direitos como também tem as mesmas possibilidades. o dia-a-dia coloca para qualquer um que na sociedade, uns estão com quase tudo, uma outra parte luta pela sua sobrevivência e vem subsistindo a todas as "tempestades" e uma parcela expressiva vive de forma miserável. Esta é uma convivência muito difícil e se aceitar é suficiente clara para se compreender a profunda divisão existente".

Os questionamentos do professor Neto é ao mesmo tempo um chamamento a uma reflexão. Ele mostra a divisão existente em nossa sociedade, mas a partir da idéia será que o cidadão que queremos é o mesmo em todo lugar ? Claro que não. Os políticos falam em cidadão, nós falamos também em cidadão, mas o cidadão que nós imaginamos é diferentee por exemplo do cidadão que fala Maluf ou ainda o cidaddão que o presidente fala. Portanto, a postura do professor é muito importante. Nela está implícito a sua concepção de educação e sua visão de mundo. A partir dessas questões é que o professor poderá contribuir tanto no sentido de reforçar como diminuir a seleção social.

Na reflexão do professor José Neto, ele faz alguns questionamentos relacionados a educação e a sociedade, preocupado com a formação do cidadão. Em poucas palavras, ele chama a atenção que nossa sociedade é uma sociedade da "Exclusão Social". A avaliação que questionamos diz respeito as provas-exames que segundo

Luckesi, implicaria em julgamento com conseqüente exclusão. Já a *“avaliação pressupõe acolhimento tendo em vista as transformações”*. Avaliação da aprendizagem é diversa, portanto a prática de provas e exames tradicionais exclui parte dos alunos, por basear-se no julgamento, enquanto que a avaliação diagnóstica permite ao aluno um acolhimento. Em outras palavras, através do diagnóstico o aluno pode ser incluído no círculo de aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA

BIBLIOGRAFIA

1. CABRINI, Conceição Aparecida. et. al, **O Ensino de História:**
Revisão urgente. 3ª Edição. São Paulo, Brasiliense, 1987.
2. GARCIA, Walter E. **Educação Brasileira Contemporânea.** São Paulo, Mcgraw Hill do Brasil.
3. LIMA, Adriana de Oliveira. **Avaliação Escolar:** Julgamento ou Construção? Petropolis, Rio de Janeiro: vozes, 1994, 2ª Edição.
4. MARTINEZ, Maria Josefina e LAHORE Carlos. **Planejamento Escolar.** Ed. Saraiva S/A. 2ª Edição. São Paulo 1981.
5. NAGLE, Jorge. **A Reforma e o Ensino.** 2ª Edição. São Paulo. EDART; Brasília INL, 1976.
6. SILVA, Marcos A. (org.). **Repensando a História.** São Paulo, ANPUH/Marco Zero, 1984.

2. LIVROS DIDÁTICOS

2.1. História geral Moderna e Contemporânea

1. AQUINO, Rubim Santos Leal de, et al, **História das Sociedades:**
das sociedades modernas às atuais 2ª edição, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico 1983.
2. NADAI, Elza e Neves, Joana. **História Geral Moderna e Contemporânea** 9ª Edição, São Paulo, Saraiva 1993.

2.2. História do Brasil

1. ARRUDA, Jose Jobson e PILLETTI, Nelson. **Toda História. História Geral e História do Brasil.** São Paulo: Ática, 1994.
2. COTRIM, Gilberto. **História do Brasil: Império e República.** São Paulo, FTD, 1995.

3. HERMIDA, Borges. **História do Brasil: Império e República.**
São Paulo, FTD, 1995.

4. HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História Geral da Civilização Brasileira - A época colonial e o Brasil monárquico.** São Paulo, Depel, 1960/72.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Um homem não se liberta sozinho, nem um homem liberta outro. Mas os homens se libertam em conjunto”.

(Paulo Freire)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Queremos reiterar nossas considerações finais, não como uma coisa pronta, acabada, mas como o início de outras experiências que com certeza ao longo de nossa trajetória de luta no campo profissional, deverão surgir.

Portanto é nosso pensamento não dá uma conclusão a' este trabalho, mas torcer para que ele sirva de reflexão e coragem para seguir em frente, na busca junto com aqueles que têm acreditado na luta, capaz de transformar nossa utopia em realidade.

ANEXO I

devido as necessidades da população que não tinha como pagar uma Escola particular.

A princípio, a Escola foi criada com a denominação de Colégio Estadual de Campina Grande, como estava situado no bairro da Prata, passou a chamar-se Colégio Estadual da Prata.

O “Gigantão” da Prata, como ficou popularmente conhecido, na época das grandes paradas de 7 de Setembro, era aguardado com muita expectativa, isto é, na época dos anos áureos da Escola Pública, este Colégio prestou relevante trabalho em termos de educação, muitas famílias tradicionais de Campina Grande tiveram seus filhos como freqüentadores do Estadual da Prata.

A Escola passou a chamar-se Colégio Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida em homenagem póstuma ao ex-prefeito de Campina Grande.

O diretor informou ainda, que esta estrutura que a Escola possui é a construção original porque a única reforma que houve na Escola foi a construção de duas salas de aula, uma cantina e uma área coberta para recreio, além da construção de dois banheiros e uma sala onde funciona o grêmio estudantil.

“...conseguimos aprovar no vestibular deste ano (1996) dos 70% (setenta por cento) dos alunos para as Universidades Federal e Estadual”⁷.

Na escola há 99 (noventa e nove) servidores do estado e 122 (cento e vinte e dois) professores, para uma média de 2.700 (dois mil e setecentos) alunos. O diretor nos informou ainda que há um compromisso parte da atual administração e professores no sentido de resgatar o nome do Colégio Estadual da Prata pois diariamente a Escola recebe alunos vindos das Escolas particulares.

Segundo o referido diretor, os motivos podem ser econômicos, mas é também ***“por conta de nosso trabalho”***, frizou ele. Hoje, a escola tem uma biblioteca, uma sala de computação com sete computadores e duas Tvs à cores. Na escola o aluno ou o professor loca uma fita, e o professor leva o televisor com o vídeo até a sala de aula.

“É pretensão de nossa escola melhorar o atendimento aos alunos... estamos reformando o ginásio de esportes com recursos próprios pois a ajuda do governo é pouca”⁸.

⁷ Idem.

⁸ Ibidem.

Acerca do projeto CEPES, o diretor ainda nos informou que houve uma seleção das Escolas. Na verdade, a seleção foi feita pelo governo do Estado que escolheu sete Escolas: quatro em João Pessoa, três em Campina Grande. A escolha do Estadual da Prata, bem como do Liceu Paraibano em João Pessoa foi devido as dimensões dessas Escolas, ou seja, por estas Escolas serem as maiores. Quanto as outras Escolas, o critério definido foi estarem estas próximas as escolas acima citadas. Portanto, as Escolas próximas ao Estadual da Prata, são o Colégio Nossa Senhora do Rosário e Monte Carmelo localizadas no bairro da Bela Vista e da Prata respectivamente.

Concluindo, ele informou que o projeto CEPES (Centro Paraibano de Educação Solidária) por enquanto é um projeto Piloto, pois segundo palavras do próprio governador estenderá o projeto em 1997 a outros municípios paraibanos e não só em Campina Grande.

Sobre os benefícios desse projeto para o colégio, afirma o diretor que os professores ganham um salário que aumentou em torno de 320%, dessa forma, eles cumprem dois expedientes. Só nas férias os professores terão cursos de aperfeiçoamento, e segundo ele, a escola

melhorou porque agora ela também não participa das grevves no Estado.

“Não foi uma medida muito justa com os outros professores mas a escola assumiu esse compromisso foi com os alunos. É pretensão nossa fazermos uma renovação dos conteúdos que os professores trabalham”⁸.

A Escola atualmente além 2.700 (dois mil e setecentos) alunos matriculados tem um cursinho funcionando aos sábados, e está tentando junto ao governo do Estado uma verba para que ele possa pagar 100,00 Reais para cada professor que hoje atende aproximadamente mil alunos.

Informou-nos ainda que os professores do cursinho são formados por ex-professores da Escola, por amigos que já ensinaram na Escola, por professores da própria escola e estudantes concluintes das Universidades Federal e Estadual.

No capítulo seguinte iremos relatar as experiências vivenciadas no Estágio Supervisionado.

⁸ Ibidem.

ANEXO II

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor (a)/Regente: _____

Professor(a)/Estagiário(a): Mª da Guia S. Silva

Série: 5ª Turma: E Turno: Tarde

Coordenadora/Prática: Eronides Câmara Donato

Orientadora: Eronides Câmara Donato

Número de Alunos: 42 alunos

PLANO DE ENSINO

I - OBJETIVO GERAL:

Estudar a História Brasileira, refletindo sobre a fase considerada como Pré-História, a sua condição de Colônia até a Independência, enfatizando de forma panorâmica os aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais.

II - CONTEÚDO PROGRAMÁTICO:

I - Unidade

1. Objetivos Específicos:

a) Explicar a importância e a utilidade da História;

- b) Compreender o cotidiano dos índios antes da chegada dos portugueses;**
- c) Compreender a expansão marítima e comercial portuguesa.**

2. Conteúdos:

2.1. Introdução à História:

- a) O que é História;**
- b) Os períodos da História;**
- c) A Pré-História Brasileira.**

2.2. Nações Indígenas no Brasil:

- a) O cotidiano dos índios, antes de 1500;**
- b) Teorias sobre a origem do homem americano.**

2.3. A chegada dos Portugueses:

- a) As grandes Navegações: Portugal e Espanha;**
- b) O Tratado de Tordesilhas;**
- c) Cabral chega ao Brasil.**

II - Unidade

1. Objetivos específicos:

- a) Analisar o significado de colônia de exploração e o pacto colonial;**
- b) Explicar o sistema de Capitâneas Hereditárias no Brasil;**
- c) Apontar os motivos da adoção do sistema de governo-geral;**
- d) Enumerar as razões que levaram Portugal a escolher a açúcar da cana para iniciar a colonização do Brasil;**
- e) Caracterizar a sociedade colonial açucareira.**

2. Conteúdos:

2.1. O Brasil nos trinta primeiros anos:

- a) As expedições exploradoras, policiadoras e colonizadora;**
- b) Brasil, uma colônia de exploração.**

2.2. O poder político no Brasil Colonial:

- a) As Capitâneas Hereditárias;**
- b) O governo-geral;**

2.3. Economia e sociedade nos primeiros tempos:

- a) A empresa açucareira no Brasil;**
- b) A sociedade colonial açucareira.**

III - Unidade

1. Objetivos específicos:

- a) Explicar a origem da escravidão dos negros;**
- b) Compreender as formas de resistência do escravo no Brasil colonial;**
- c) Compreender as razões das invasões holandesas no Nordeste;**
- d) Identificar a origem e os tipos de bandeirismo;**
- e) Explicar de que forma a pecuária foi importante para a ocupação dos sertões do Nordeste e no sul do Brasil.**

2. Conteúdos:

2.1. A vida e a luta dos negros no Brasil colonial:

- a) A vida dos escravos;**
- b) A resistência dos negros.**

2.2. Os holandeses no Brasil:

- a) As invasões holandesas no Nordeste;**
- b) As consequências da expulsão dos holandeses.**

2.3. A expansão Territorial:

- a) As bandeiras;**
- b) A pecuária no Nordeste e no Sul do Brasil;**
- c) Os tratados de limite e as novas fronteiras do Brasil.**

IV - Unidade

1. Objetivos específicos:

- a) Analisar a expansão do ouro e o declínio da mineração;**
- b) Analisar a Conjuração Mineira comentando o papel desempenhado por tiradentes nesse movimento;**
- c) Analisar a Conjuração Baiana;**
- d) Apontar as razões da fuga da família real para o Brasil;**
- e) Explicar o significado da abertura dos portos;**
- f) Identificar as forças políticas que atuaram no processo de nossa independência.**

2. Conteúdos:

2.1. A mineração

- a) A expansão do ouro;**
- b) O declínio da mineração.**

2.2. Rebellões no Brasil Colonial

- a) A Inconfidência Mineira;**
- b) A Conjuração Baiana.**

2.3. Finalmente, a Independência

- a) A família real no Brasil;**
- b) Mudanças econômicas;**
- c) Um novo Brasil;**
- d) Regência de D. Pedro I;**
- e) “Independência”: O que mudou?**

III - Carga Horária

I Unidade: 15 h/aulas

II Unidade: 15 h/aulas

III - Unidade: 15 h/aulas

IV - Unidade: 15 h/aulas

IV - Metodologia

Com o objetivo de transmitir os conteúdos programáticos, iremos utilizar como estratégias aulas expositiva-dialogadas, aulas narrativas, estudos dirigidos, pesquisas, trabalhos individuais e dramatizações; e como recursos didáticos, utilizaremos o quadro para giz, giz, mapas, textos, cartazes, slides e filmes.

V - Avaliação

A avaliação será pela participação dos alunos em sala de aula através de exercícios, desenhos, colagens, pesquisas, como também provas escritas e trabalhos escritos.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. Colônia. São Paulo FTD, 1994

MOTA, Carlos Guilherme (org.). Brasil IN Perspectiva. 12ª Edição, São Paulo/Rio de Janeiro; Difel, 1981

PILETTI, Nelson e Piletti, Claudino. História e Vida. Vol. 1. Brasil Da Pré-História à Independência, 4ª Edição, São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia São Paulo: Moderna, 1994

Série 3º Científico 2º grau

Turma "E" Carga Horária 60 hs

- **Objetivos Geral:**

Entender como se processou a História do Brasil a partir do século XV , com a chegada dos Europeus até nossos dias observando os aspectos Econômicos e Sociais

- **Objetivos específicos:**

Identificar os vários grupos indígenas que vieram para a América e os que habitavam o Brasil.

Perceber a inserção do Brasil no Sistema Colonial, dando ênfase no aspecto econômico, nos moldes europeu.

Reconhecer as características da crise do Sistema colonial.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1 Os povos Pré-Colômbianos e os índios brasileiros

1.1 Grupos e modo de vida

1.2 Arte e utilidade

1.3 O fim do Mundo Indígena

1.4 Índios e brancos: as diferenças

2 Brasil: a chegada dos portugueses

2.1 A exploração do pau-brasil

2.2 As Capitânicas Hereditárias

2.3 A administração eclesiástica

2.4 O domínio espanhol e as invasões estrangeiras (1580-1640)

2.5 A conquista do litoral

2.6 A conquista do território (1640-1700)

2.7 A decadência do açúcar

2.8 A grandeza e a miséria do ouro (1760-1789)

2.9 Novas fronteiras

3 A Crise da Colonização (1789-1808)

Unidade II (39)

Objetivos Específico:

Refletir sobre o processo emancipacionista brasileiro - compreender a estrutura econômica do Primeiro Reinado, Regência e segundo Reinado.

3.1 O Processo de Independência do Brasil (1808 - 1822)

3.2 Brasil sede do Império

3.3 O Brasil Monárquico: o Primeiro Reinado (1822 - 1831)

3.4 O café

3.5 Chegaram os Imigrantes

Unidade III (52 Dias)

Objetivos específicos:

Entender a organização do regime repúblicano

- Identificar os motivos que levaram a desagregação da República Velha e o Movimento de 1930.

Conteúdos Programáticos

1 O Brasil republicano

1.1 A Organização do Novo Regime 1889-1914)

1.2 A República do café com leite (1914-1919)

1.3 O Movimento de 1930.

Unidade IV (57 dias)

Objetivos específicos:

Reconhecer os aspectos econômicos e sociais do período vargas.

Identificar os fatores que levaram ao fim do Estado Novo (mudanças e a reformas de base). Analisar os motivos que culminou com o golpe militar em 1964.

Conteúdo Programático

1. Era Vargas (1930-1945)

1.1 O fim do Estado Novo

1.2 O momento de 1964(O Brasil e a Ditadura Militar).

1.3 A Abertura (Anistia).

1.4A Nova República (preparação para constituição).

Metodologia:

Aula expositiva-dialogada, debate; apresentação de textos pelos alunos, giz, mapa, cartazes, roteiro da aula, trabalho dirigido

Avaliação

- Atividades retirar questões dos textos, trabalhos em grupos, resumos, provas escritas.

Cronologia da Disciplina

Dias da aula : quinta-feira (07:00-08:30 h)

Março : 7, 14, 21, 28 - 8 aulas

Abril : 4, 11, 18, 25 - 8 aulas

Maio : 9, 16, 23, 30 - 8 aulas

Junho: 6, 13, 20 - 6 aulas

Julho : 11, 18, 25, 1 - 8 aulas

Agosto: 8, 15, 22, 29 - 8 aulas

Setembro: 5, 12, 19, 26 - 8 aulas

Outubro: 10, 17, 24, 1 - 8 aulas

Novembro: 7, 14, 21, 28 - 8 aulas

Dezembro: 5, 12 - 4 aulas

TOTAL 74 h/aulas.

ANEXO III

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Maria da Guia Santos Silva

Coordenadora da Prática de Ensino Eronides Câmara Donato

Série: 5ª Carga Horária 50 minutos

Tema: As Nações Indígenas no Brasil Colonial/Durante Colonização

Título: O que faz do Índio, Índio?

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	BIBLIOGRAFIA
- Compreender a necessidade de preservação dos valores culturais de um povo;	1 - A vida dos índios: a) nascimento infância adolescência maturidade; b) Trabalho e a Terra;	- Aula expositivo-dialogado; - Apresentação do tema interrogar sobre o que eles já sabem sobre o índio;	- Oral: através de perguntas; - Escrita máximo de três questões para responder;	BOULOS, Alfredo História do Brasil Colonial, v. 1, p. 16- 24
- Relacionar aspectos ligados a vida dos índios no período colonial observando diferenças e semelhanças com o cotidiano do índio atual.	2 - Como vivem os índios no Brasil (ontem e hoje)	- Utilizar cartazes quadro para giz, giz texto mimeografado, ler alguns parágrafos e comentar.	- Pedir para trazerem gravuras de revistas e jornais para colagem em sala de aula.	

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Maria da Guia Santos Silva

**Coordenadora e Orientadora da Prática de Ensino: Eronides
Câmara Donato**

Série: 5ª Carga Horária 50 minutos

Tema: A Chegada dos Portugueses

Título: Em Busca de Novos Caminhos

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	METODOLOGIA	AValiação	BIBLIOGRAFIA
- Compreender os fatores da expansão comercial européia e da chegada dos portugueses ao Brasil;	- O mundo que os europeus conheciam; - As grandes Navegações; - A conquista de Ceuta;	- Leitura do Mapa Mundi; - Conversa informal, exemplificando a vida de quem mora numa cidade pequena com o mundo que os europeus conheciam;	- O processo de aprendizagem será observado através da participação do aluno na aula;	BOULOS, Alfredo História do Brasil Colonial, v. 1, p. 16- 24
- Comparar a vida e os transportes na época das grandes navegações com a contemporânea.	- Portugal e Brasil.	- Ler o texto, comentar, exposição do conteúdo uso de mapas quadro para giz, giz.	- Trabalhos em equipe cartazes, colagem e pintura.	PILETTI, Nelson História e Vida. v. 1

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Maria da Guia Santos Silva

**Coordenadora e Orientadora da Prática de Ensino: Eronides
Câmara Donato**

Série: 5ª Carga Horária 50 minutos

Tema: A Administração na Colônia

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	BIBLIOGRAFIA
- Analisar as características da economia do período colonial;	- Pau-brasil; - A cana-de-açúcar;	- Leitura do texto; - Comentário de cada parágrafo, estudo dirigido, a partir do texto, amostra do pau-brasil, sementes e galhos características anotar características das falhas uso texto mimeografado giz, quadro para giz.	- O processo aprendizagem será pela observação anotações e pesquisas sobre o pau-brasil e outras espécies em extinção.	
- Identificar os fatores que motivaram o rei de Portugal dividir o Brasil em Capitanias.	- As Capitanias Hereditárias; - O Governo Geral.	-	-	

PLANO DE AULA

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Maria da Guia Santos Silva

Coordenadora e Orientadora da Prática de Ensino: Eronides C. Donato

Série: 3º Científico 2º Grau Turma: E C.Horária: 100 min.

Tema: Independência para quem?

Título: O Significado do 07 de Setembro

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	METODOLOGIA	AVALIAÇÃO	BIBLIOGRAFIA
- Refletir sobre: o significado do 07 de Setembro, e os limites da independência;	- O significado do 07 de Setembro; - Os limites da Independência;	- Aula expositivo-dialogado, fazer uma reflexão sobre o 07 de Setembro; - Expor sobre: os limites da independência brasileira estabelecendo semelhanças e diferenças entre o processo de independência das colônias espanholas; falar sobre a vinda da família real (bloqueio continental)	- O processo de aprendizagem será pela observação através da participação em sala aula.	COTRIM, Gilberto. História E Reflexão; PILETTI, Nelson. História e Vida. v. 2, Brasil: Da Independência aos Dias de Hoje.
- Situar os motivos da vinda da família real para o Brasil..	- A vinda da família real para o Brasil.			

PLANO DE AULA

Identificação CEPES - (Estadual da Prata)

Disciplina: História do Brasil

Professora Estagiária: Maria da Guia Santos Silva

**Coordenadora e Orientadora da Prática de Ensino: Eronides
Câmara Donato**

Série: 3º - Científico 2º Grau Turno: Manhã

Carga Horária 50 minutos

Tema: O Brasil Monárquico - Período Regêncial (1831-1840)

Título: Em Busca de Novos Caminhos

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	CONTEÚDO	METODOLOGIA	AValiação	BIBLIOGRAFIA
- Identificar os principais grupos políticos que dominavam o cenário político no período regencial;	- Período Regencial; - Grupos políticos;	- Aula expositivo-dialogado; - Texto básico;	- Será feita pelo interesse e participação, durante a aula e nos discussões sobre o texto.	SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil Colônia, Império República S.P. - Ed. Moderna 1992
- Refletir sobre o sentido das rebeliões provinciais.	- Guarda Nacional; - Revoltas Provinciais.	- Apresentação do tema (exposição do assunto em linguagem clara.	-	-

ANEXO IV

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR V. DA SILVEIRA
DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

PROFESSOR (A) ESTAGIÁRIO (A): _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ DATA: _____

NAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, havia milhões de índios espalhados pelas praias, campos e florestas do atual território brasileiros.

Os índios, como os demais povos, passam a infância e adolescência preparando-se para a vida adulta. O nascimento de uma criança indígena é esperado com todo amor e preocupação por todos os seus parentes. Na infância, com sete ou oito anos, os meninos começam a pescar e caçar pequena aves, enquanto as meninas dedicam-se a ajudar a mãe: a cozinhar, tecer e cuidar das crianças menores. Já na adolescência, tanto a menina como o menino iniciam-se numa participação ativa na vida em grupo. No que diz respeito a maturidade, tanto o homem quanto a mulher tem prmissão para constituir família, são responsáveis pelo sustento do grupo e tem o direito de conhecer os seus valores e costumes. Ser adulto é também poder ocupar a um cargo na aldeia de chefe político ou religioso.

Os índios não compreendem nem possuem a propriedade particular da terra nem se preocupa em acumular bens através do trabalho: a terra e tudo que ela produz, pertence a todos e se destina a sustentação das necessidades.

Acredita se que os índios chegaram ao Brasil há 50 mil anos, vindos da Ásia e da Polinésia, navegando de ilha em ilha até cruzar o Pacífico e chegar à costa ocidental da América.

Há quinhentos anos eram aproximadamente cinco milhões; hoje são cerca de dezentos e cinquenta mil, dividido em duzentas nações e falando cento e setenta línguas.

O extermínio das nações indígenas é obra do homem branco. Antes, colonizadores em busca de terras; hoje fazendeiros, garimpeiros e madeireiros em busca de terra, madeiras e minérios.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS, Alfredo Jr., **História do Brasil**. in: Nações indígenas no Brasil. Vol. I. FTD. SP.

população, quando não era escrava, compunha-se de “moradores” vivendo nas fazendas em terras alheias, podendo ser mandados embora a qualquer hora. Garantia-se a segurança individual, mas podia-se matar impunemente um homem. Afirmava-se a liberdade de pensamentos e expressão, mas não foram raros os que pagaram por ela. Enquanto que o texto da lei garantia a independência da justiça, ela se transformava em instrumento dos ganes proprietários. Aboliam-se as torturas, mas, nas senzalas, os troncos, os anjinhos, os açoites, as gargalheiras, continuavam a ser usadas, e o senhor era o supremo juiz decidindo da vida e da morte de seus homens.

BIBLIOGRAFIA

COTRIM, Gilberto. **História e Consciência do Brasil**. 1ª Ed.

São Paulo, Saraiva, 1994.

HERMIDA, Borges. **História do Brasil**. Império e República.

São Paulo: FTD, 1995

Escola Estadual de 1º e 2º graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina : História do Brasil

Professor(a)/Estagiário (a) : .

Série: 5º Turma : B Turno : Tarde Data: 12.06.96

EM BUSCA DE NOVOS CAMINHOS

Antes das Grande Navegações os europeus conheciam apenas a Europa, norte da África e parte de Ásia, e as terras situadas além desse limites, eles tinham algumas notícias de viajantes.

No começo do século XV os europeus compravam uma grande - quantidade de produto vindos das Índias, só que esse comércio entre o Oriente e a Europa, era monopolizado pelas cidades italianas(Gênova e Veneza). Esse monopólio contrariava os interesses econômicos da burguesia e dos reis de vários países europeus. Portanto só havia uma solução : evitar o mar Mediterrâneo e procurar um outro caminho para as Índias. E isso tornou-se possível com as Grandes Navegações, na qual Portugal foi o primeiro país a conquistar o Atlântico.

Quando Portugal se lançou à conquista do oceano Atlântico, pouca gente sabia que a terra era considerada redonda. E aos poucos , os portugueses foram conquistando o Atlântico com a ajuda do progresso técnico e científico. E como exemplos importantes desse progresso foram a invenção da caravela e o aperfeiçoamento da bússola.

E foram técnicas como estas que facilitou os portugueses a iniciar sua expansão marítima, em 1415, com a conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África, rica em ouro, marfim, tecidos e especiarias,

E foram técnicas como estas que facilitou os portugueses a iniciar sua expansão marítima, em 1415, com a conquista de Ceuta, cidade situada no norte da África, rica em ouro, marfim, tecidos e especiarias, trazidas pelas caravanas, para serem vendidas aos mercadores italianos, só que depois de conquistada, os caravaneiros passaram a desviar suas rotas para outros centros comerciais, prejudicando os portugueses. Devido a isto, o infante Dom Henrique fundou a escola de Sagres, reunido assim, navegadores, astrônomos, geógrafos, cartográficos, matemáticos e tradutores de várias partes da Europa, que tinham o objetivo de aperfeiçoar os mapas, instrumentos de navegações e roteiros de viagem.

Pouco a pouco, os portugueses foram reconhecendo e explorando o litoral africano, e depois de contornarem o extremo sul da África, que foi batizado de cabo de Boa Esperança, chegou à Calicute nas Índias, realizando assim o sonho português de descobrir um novo caminho para o Oriente.

Em 1492, a Espanha deu início a sua expansão marítima, com um navegante italiano Cristovão Colombo que tinha o objetivo de chegar as Índias, navegando em direção ao Ocidente. Para realizar a viagem, recebeu dos reis espanhóis, dinheiro, suprimentos e três caravelas: Santa Maria, Pinta e Niña. Depois de navegar pelo Atlântico por quase dois meses, ele descobre um "novo" continente: a América. Sabendo da novidade, os reis espanhóis queriam garantir a posse dessas terras, então, resolveram dividi-las entre Portugal e Espanha através de um documento chamado Bula Inter Coetera, que dividia as "novas" terras por um meridiano localizado a 100 léguas a oeste das Ilhas de Cabo Verde. Tudo que ficasse a oeste dessa linha divisória, deveria ser de Portugal.

Mas, Portugal não concordou com essa divisão, então exigiu um novo acordo.

Depois de muitas discussões, a Espanha aceitou a exigência feita por Portugal e em 1494, assinaram o Tratado de Tordesilhas, no qual a linha divisória deveria passar a 370 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde. Tudo o que ficasse a oeste dessa linha seria da Espanha e o que ficasse a leste seria de Portugal.

Como a viagem à Calicute foi um sucesso devido ao lucro fabuloso que dera aos portugueses, o rei de Portugal resolveu enviar ao Oriente uma poderosa esquadra com objetivo de fundar feitorias e, através delas, exercer um controle sobre o comércio das especiarias orientais. Comandada por Pedro Álvares Cabral, a expedição partiu de Lisboa, no dia 9 de março de 1500 e, distanciando-se do litoral Africano, cruzou o oceano Atlântico e no dia 22 de abril, os portugueses avistaram um monte redondo e alto que batizaram de Monte Pascal.

A seguir, desembarcaram em terras habitadas por índios que tomaram posse em nome do rei de Portugal. A primeira missa foi celebrada por frei Henrique Soares Coimbra, no dia 26 de abril, na terra que acabou por se chamar Brasil, devido a enorme quantidade de árvores chamadas de pau-brasil. Cabral depois de ter tomado posse dessas terras, continuou sua viagem para as Índias, mas mandou mensageiros a Portugal para contar ao rei notícias do Brasil.

GLOSSÁRIO

Burguesia - formada pelos comerciantes ricos europeus.

Bússola - Instrumento que auxiliava os navegantes na indicação do rumo a seguir.

Caravela - embarcação leve e veloz.

Especiarias - produtos que vinham das Índias.

Feitorias - grandes fortalezas com várias armazéns, onde se fazia o comércio .

Légua marítima - medida utilizada na navegação marítima, equivalente a 5.557 m.

Monópolio - direitos exclusivos de dominação.

BIBLIOGRAFIA:

BOULOS Jr., Alfredo. História do Brasil. vol .I, SP: FTD, 1994

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor(a)/Estagiária(a): Maria da Guia Santos Silva

Aluno (A): _____

Série: 5

Turma: 3

Turno: Tarde

10.07.96

O BRASIL NOS TRINTA PRIMEIROS ANOS

Em 1500, quando os portugueses chegaram ao Brasil, verificaram que a terra habitada pelos índios era muito grande, havia muita água e muitas árvores, entretanto, não encontraram nenhum indício da existência de ouro ou prata, o que causou pouco interesse de Portugal em colonizar a terra. Não viram também nada que pudesse ser vendido na Europa por um preço tão alto quanto o das especiarias africanas e orientais que traziam lucros imediatos para Portugal.

Mesmo com seu lucrativo comércio com o Oriente, os portugueses fizeram algumas viagens ao Brasil para explorar o litoral e defender a posse da terra, no qual o pau-brasil foi o primeiro produto de valor comercial que os portugueses aqui encontraram. Essa madeira tinha uma cor avermelhada que servia para tingir tecidos e também era utilizada na fabricação de móveis e navios. O corte dessas árvores e o seu transporte para os navios eram feitos pelos índios que em troca disso, recebiam dos portugueses roupas coloridas, contas, espelhos, canivetes, facas, etc. Essa troca direta de produto por produto chama-se escambo. Dessa forma, o pau-brasil só podia ser explorado com a

Escola Estadual de 1º e 2º Graus Ademar Veloso da Silveira

Disciplina: História do Brasil

Professor(a)/Estagiário(a):

Aluno (A): _____

Série: 5ª

Turma: B

Turno: Tarde

A ADMINISTRAÇÃO COLONIAL

Até 1534 não havia nenhum governo fixo no Brasil, então o rei de Portugal D. João III percebeu que assim não podia manter o controle sobre sua colônia pois para isso era preciso muito dinheiro, mas Portugal nessa época enfrentava uma crise econômica devido ao declínio do comércio português com o Oriente. Por isso, o rei resolveu dividir o Brasil em 15 grandes faixas de terra denominadas de Capitâncias Hereditárias que foram entregues a doze donatários. Com essa divisão, o governo português criava em 1534 o primeiro sistema político para o Brasil.

O sistema de Capitâncias Hereditárias era regulamentado por dois documentos: a carta de doação e o foral. A carta de doação era o documento na qual o rei concedia uma capitania a um donatário e o foral no qual determinava os direitos e deveres dos donatários e os direitos do rei. E entre os direitos incluía-se o doação de sesmarias.

A maior parte das Capitâncias Hereditárias fracassaram, apenas duas prosperaram, a de Pernambuco e a de São Vicente: porque seus donatários, com recursos próprios ou com ajuda do rei de Portugal, conseguiram capital suficiente para desenvolver a produção açucareira.

CEPES - Centro Paraibano de Educação Solidária
Escola Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida
Disciplina: História do Brasil
Professor(a)/Estagiário(a): Maria da Guia Santos Silva
Aluno: _____
Série: 3º Turma: F Turno: Tarde Data: 16/07/96

O BRASIL MONÁRQUICO: O PRIMEIRO REINADO (1822-1831)

No início do Primeiro Reinado, a grande tarefa de D. Pedro foi criar mecanismos para consolidar a independência no país, pois a nova ordem política (separação de Portugal) não fora prontamente acatada em todo território, isto é, houve alguns movimentos liberais de contestação. Não foi fácil vencer a distância entre a independência e a consolidação do Império. D. Pedro I enfrentou sérias dificuldades para consolidar sua autoridade, diante da contestação de muitas províncias obter o reconhecimento internacional e superar as divergências para a elaboração da primeira Constituição. Consolidação mesmo só viria no Segundo Reinado.

Ao mesmo tempo que lutava para se impor internamente D. Pedro I preocupava-se em conseguir apoio externo para a separação de Portugal. A Inglaterra era a principal intermediária entre Brasil e países europeus e via neste fato a grande oportunidade para continuar extraindo grandes lucros de seus privilégios comerciais com o Brasil, não lhe interessando portanto, romper com o velho aliado Portugal.

Meses antes da independência do Brasil foi convocada uma Assembléia cujo objetivo era elaborar a primeira Constituição do país, mas devido a algumas razões entre as quais a dificuldade de comunicação, é que essa Assembléia só se instalou em 1823 para elaborar o

Mas mesmo assim o sistema de Capitânicas não deu certo pois o Rei de Portugal não estava conseguindo controlar e explorar o Brasil de maneira satisfatória e exigiu de volta as capitânicas, mas só. em 1759 o sistema foi completamente extinto.

Então, seria preciso pensar em outro tipo de governo que centralizasse a administração, ou seja, era necessário que se criasse um Governo Geral para o Brasil, e isto foi realizado em 1548 e dura até a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808.

O primeiro Governador-Geral foi Tomé de Sousa (1549-1553) que fundou a 1ª cidade brasileira, Salvador, na qual instalou seu governo. Trouxe também as primeiras cabeças de gado, incentivando assim a pecuária. O 2º Governador-Geral foi Duarte da Costa (1553-1558) em cuja administração fundou o Colégio de São Paulo em Piratininga, originando, depois, a cidade de São Paulo. Além disso, o seu governo foi abalado pela guerra contra os índios que se aliaram aos franceses que invadiram o Rio de Janeiro, onde fundaram uma colônia chamada França Antártica. O terceiro governador-geral foi Mem de Sá (1558-1572) que em seu governo expulsou os franceses do Rio de Janeiro, e com a ajuda de seu sobrinho Estácio de Sá fundou a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

Após a morte de Mem de Sá em 1572, Portugal dividiu o Brasil em dois govornos: O governo do norte e o governo do Sul, pois na sua opinião, isso facilitava a ocupação, a administração e a defesa do território brasileiro. Só que com a morte do rei de Portugal em 1580, o rei da Espanha que era seu parente ficou sendo também rei de Portugal, podendo também mandar no Brasil, e por isso dividiu o Brasil em dois Estados: O Estado do Maranhão e o Estado do Brasil.

Mas como estava surgindo vilas e cidades, ficava difícil de controlar a colônia, e seria preciso então pensar em uma forma de controlar e governar essas cidades e vilas. A solução encontrada foram as CÂMARAS MUNICIPAIS que eram instaladas nos municípios mais importantes e defendiam os interesses políticos e econômicos dos grandes senhores de terra.

BIBLIOGRAFIA

BOULOS Jr, Alfredo. História do Brasil. Vol. 1. Colônia
São Paulo: FTD, 1994

PILETTI, Nelson e PILETTI, Claudino. História e Vida Brasil.
Da Pré-História à Independência. Vol. 1. 4ª Edição
São Paulo: Ática, 1991

SILVA, Francisco de Assis. História do Brasil. Vol. 1. Colônia,
3ª Edição. São Paulo: Moderna, 1994

CEPES - Centro Paraibano de Educação Solidária
Escola Estadual de 2º Grau Dr. Elpídio de Almeida
Disciplina: História do Brasil
Professor(a)/Estagiário(a):

Aluno: _____

Série: 3º

Turma: F

Turno: Tarde

Data: 16/07/96

O BRASIL MONÁRQUICO: O PRIMEIRO REINADO (1822-1831)

No início do Primeiro Reinado, a grande tarefa de D. Pedro foi criar mecanismos para consolidar a independência no país, pois a nova ordem política (separação de Portugal) não fora prontamente acatada em todo território, isto é, houve alguns movimentos liberais de contestação. Não foi fácil vencer a distância entre a independência e a consolidação do Império. D. Pedro I enfrentou sérias dificuldades para consolidar sua autoridade, diante da contestação de muitas províncias obter o reconhecimento internacional e superar as divergências para a elaboração da primeira Constituição. Consolidação mesmo só viria no Segundo Reinado.

Ao mesmo tempo que lutava para se impor internamente D. Pedro I preocupava-se em conseguir apoio externo para a separação de Portugal. A Inglaterra era a principal intermediária entre Brasil e países europeus e via neste fato a grande oportunidade para continuar extraindo grandes lucros de seus privilégios comerciais com o Brasil, não lhe interessando portanto, romper com o velho aliado Portugal.

Meses antes da independência do Brasil foi convocada uma Assembléia cujo objetivo era elaborar a primeira Constituição do país, mas devido a algumas razões entre as quais a dificuldade de comunicação, é que essa Assembléia só se instalou em 1823 para elaborar o

nicação, é que essa Assembléia só se instalou em 1823 para elaborar o projeto constitucional, que tinha como representantes a elite, que participou da luta pela independência e pela defesa dos ideais liberais.

Embora não possuísse uma organização formal, plataforma política ou regime interno, dois grupos considerados na época como partidos políticos se destacaram: o Partido Brasileiro e o Partido Português. D. Pedro insatisfeito com a Assembléia demonstrou seu autoritarismo dissolvendo a Constituição, porque esta diminuiria seus poderes absolutistas. Então, o imperador nomeou uma comissão com a intenção de elaborar um novo projeto de Constituição para o país.

A Constituição de 1824 que foi outorgada, ou seja, imposta pelo imperador tinha como principais pontos: a organização dos poderes de Estado; um sistema eleitoral elitista e fechado.

Mesmo com a Independência, os problemas econômicos e sociais no Nordeste continuavam, apesar da luta dos revolucionários de 1817. Como a concentração do poder estava nas mãos do imperador, ou seja, ele era quem nomeava os presidentes das províncias, houve enormes descontentamentos no país, principalmente nas províncias do Norte e Nordeste, particularmente em Pernambuco, onde havia grande traição de defesa dos ideais liberais e republicanos.

Algumas questões dividiam os revolucionários de 1817, embora todos estivessem unidos contra o imperador. Ao fim do tráfico de escravos opunham-se os proprietários rurais, como também a um série de posições radicais defendidas pelos setores médios das cidades e pelos grupos populares que formavam as "brigadas populares". Foram várias as revoltas. Numa delas, ocorridas em 1823 sob a chefia do mestiço

Pedro Pedroso, que participara do movimento de 1817, as brigadas conseguiram derrubar o governo de Pernambuco e assumir o poder.

O governo de Pedro Pedroso sofreu forte reação. Sendo que o governo que fora deposto voltou, então, ao poder. Mas, devido aos vários tumultos e revoltas, a população elegeu um novo governo chefiado por um revolucionário de 1817 chamado Manuel de Carvalho Paes de Andrade, que era intendente da Marinha.

Em Fevereiro de 1824 D. Pedro I nomeou um presidente da província, só que Paes de Andrade negou-se a entregar o governo. Foi o início do movimento que ficou conhecido como Confederação do Equador.

Paes de Andrade como havia fugido para os Estados Unidos na época do movimento revolucionário de 1817, proclamava em lugar da monarquia a instalação de um regime republicano nos moldes norte-americano.

A reação do governo imperial a Confederação do Equador foi rápida e violenta. D. Pedro contratou esquadras de mecênários rurais opositores do movimento. A estratégia usada pelas forças imperiais foi combater as províncias separadamente, evitando que se unissem. Isto acelerou a derrota da Confederação.

Numerosos revolucionários foram presos e mais de uma dezena deles foram condenados à morte. Entre eles estava Frei Caneca, republicano devotado de grande prestígio junto ao povo.

Mais uma vez a força e o poder das lutas impuseram-se sobre os ideais de liberdade e participação, levando a morte muitos dos defensores desses ideais.

FIM DO PRIMEIRO REINADO

Com a morte de João VI, rei de Portugal em 1826, D. Pedro I foi proclamado seu sucessor. Para manter o poder tanto no Brasil quanto em Portugal, D. Pedro I renunciou em favor de seu filho menor, devendo esta casar-se com seu tio D. Miguel, que passaria a exercer o poder como regente enquanto a menina fosse de menor.

A insatisfação com o imperador crescia e durante várias noites de Março de 1831, conhecidas como Noite das Garrafadas, houve distúrbios e conflitos de rua no Rio de Janeiro.

Numa última e infrutífera tentativa de conciliação D. Pedro nomeou um Ministério constituído por brasileiros natos só que alguns dias depois, o imperador substituiu este Ministério por outro composto de nobres estritamente ligados a sua pessoa, o que ficou conhecido como Ministério dos Marqueses.

Esse fato levou mais de 2000 pessoas a fazerem uma passeata exigindo a volta do primeiro Ministério. O imperador preferiu renunciar em favor do seu filho D. Pedro de Alcântara com cinco anos de idade, e viajar para a Europa. Era uma madrugada do dia 7 de abril de 1831 e estava encerrada a primeira e tumultuada etapa da monarquia brasileira.

BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Francisco. et. alli. História da Sociedade Brasileira.
2º Grau, 2ª Ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

ANEXO V

IDENTIFICAÇÃO CEPES (Estadual da Prata)

Professora Estagiária - M^a da Guia Turma: 3^o E

Lista de Presença em 11/07/96

01. Adriana Candoia de Araújo
02. Ana Karla P. dos Santos
03. Alcione Oliveira
04. Daniel de Farias Soares
05. Elvira Cristina Silva Cardoso
06. Ezequiel Lucena de Farias
07. Severino O Biu
08. Eliane Santos da Rocha
09. Gabriele de A. Calisto
10. Hilayana Batista Viana
11. Ivone M^a Bezerra
- 12.
13. Jaelson Agostinho de Pontes
14. José Denart Pereira de Arruda
15. Kassandra de Almeida Torres
16. Kátia Iro Dias Altidis
- 17.
18. Leidejane Eufásio do Carmo
19. Luís Perreira Filho
20. Lucimara Gomes da Costa
21. Maria Aparecida Figueirêdo Pereira
22. Miranda Alves Leite
23. Maria Aparecida Mendonça
24. Mércia Diana Lima Ribeiro
25. Manoel B. S. Sobrinho
26. Márcia Fabiola B. Barros
27. Márcia Fernanda C. Oliveira
- 28.
29. Magna Medeiros de Moura
- 30.
31. Priscilla Jane B. Lima
32. R. Lima de Oliveira
33. Renato Ribeiro da Silva
34. Roosevelt de Souza Aquino
35. Ranise de Souza Dias
36. Rossana da Silva Tavares
37. Suzana Alessandra S. Vieira
38. Sandra Cristina de Santana
39. Shallini Martins Rocha

40. Simone Targino de Souza
41. Salviano Araújo de Oliveira
42. Vanderley B. Silva
- 43.
44. Valéria M^a Januario da Silva
45. Zélia de Lima Maciel
46. Janaína dos Santos
- 47.
48. Alessuênia Nogueira de Lima

Aluno	Texto	Mapas	Provas
1. Ailde de Paula S. Pontes	8,0	9,5	
2. Alessandro F. da Silva	8,0	8,0	
3. Allana Mirtes P. Gaz			
4. Ana Bernadete A. Freire	8,0	10,0	
5. Ana Paula F. de Souza	3,0	8,0	
6. Ana Paula S. Brito		9,0	
7. Anderson de F. Pereira		10,0	
8. Ana Maria Galdino	9,0	9,0	
9. Cilene de Lima Rodrigues	7,0	10,0	
10. Cirlene M. dos S. Pereira	9,0	10,0	
11. Cristina dos Santos Silva	7,0	10,0	
12. Dyego da Silva Santos		7,0	
13. Ellen Rose Araújo da Silva	8,0	8,0	
14. Emanuely Rodrigues Silva	8,0	9,0	
15. Eulália Patrícia F. Ferreira	9,0	9,0	
16. Evelline M ^a Barbosa da Silva			
17. Everton Farias Cunha	8,0	8,0	
18. Francinalva Silva Pereria	9,0		
19. Francynara M. Nobrega	10,0	10,0	
20. Gerlany Leal Silva	10,0		
21. Jaír Marques Courrela	9,0		

22. Janeíza Lopes da Silva		9,0
23.		
24. Luciana Amorim de Almeida	8,0	9,0
25. Luciana Amorim de Almeida	8,0	9,0
26. Manuela Souza de Andrade	8,0	10,0
27. M ^a . Juscilene da S. Souza		
28. Maria Rozangela Dantas	8,0	10,0
29. Patrícia Arruda Dias		
30. Rafael Andrade de Souza	10,0	9,0
31. Rafaela Luiz P. Souza	9,0	10,0
32. Robênia Carla O. Barros	9,0	
33. Romualdo Amado da Silva	8,0	
34. Rosely Alves Barbosa	8,0	
35. Rosemary Petrosky Silva	10,0	9,0
36. Simeia do Nascimento	7,0	10,0
37. Fainá Costa Nascimento	0,0	10,0
38. Thiago Ferreira da Silva	9,0	10,0
39. Thiago Martins da Sabino	9,0	10,0
40. Tiago Augusto G. de Almeida	10,0	

ESCOLA ESTADUAL DE 1º E 2º GRAUS ADEMAR V. DA SILVEIRA

DISCIPLINA: HISTÓRIA DO BRASIL

ALUNO (A): _____

SÉRIE: _____ TURMA: _____ TURNO: _____ DATA: _____

PROVA DO 2º BIMESTRE

1) O que foi o sistema de Capitanias Hereditárias? Por que tinha esse nome?

2) Elabore uma frase para cada palavra:

- **pau-brasil;**
- **carvela;**
- **colonização.**

3) Faça uma pequena redação sobre um dos assuntos que mais lhe chamou a atenção.

ANEXO VI

HINO AO COLÉGIO ESTADUAL DE BODOCONGO
LETRA E MÚSICA DE MIRIAM XAVIER - 1972

ESTRIBILHO:

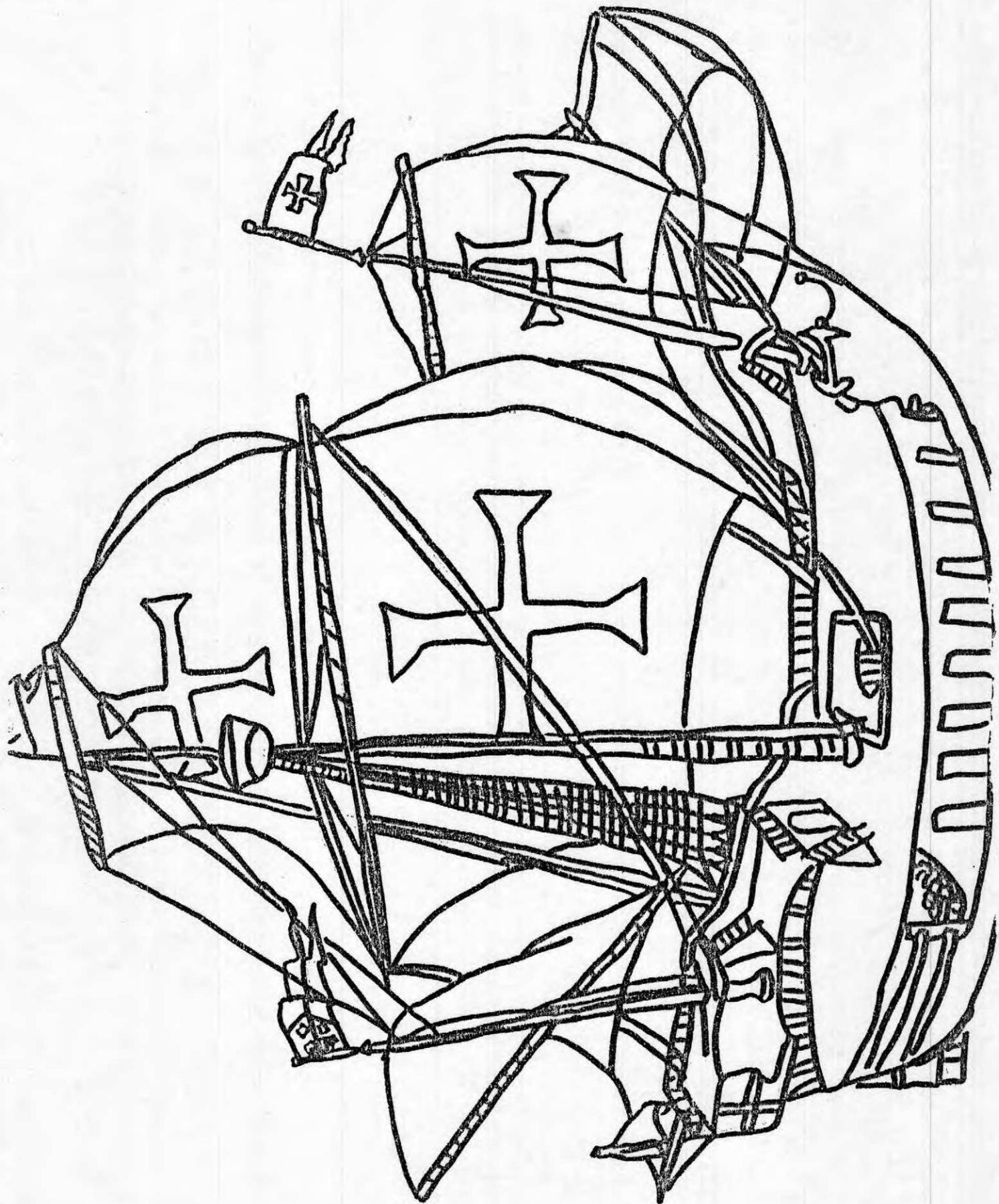
ESTADUAL DE BODOCONGÓ
FONTE INESGOTÁVEL DO SABER
ENSINA A JUVENTUDE VARONIL
A AMAR COM FERVOR NOSSO BRASIL

NUM BAIRRO DISTANTE DA CIDADE
UMA LUZ ESTÁ ACESA ETERNAMENTE
ÉS TU ILUMINADA MOCIDADE
AJUDANDO O BRASIL IR PARA A FRENTE

O ALUNO É POR TI ORIENTADO
A CUMPRIR OS DEVERES FIELMENTE
COMO LEMA TERÁ SEMPRE EM SUA MENTE
ELEVAR BEM ALTO O NOSSO ESTADO

DA CULTURA ÉS TU UM MENSAGEIRO
SEMEANDO UM GLORIOSO PORVIR
ÉS AUGUSTO, ÉS GIGANTE GUERREIRO
PROCURANDO A CAMPINA SERVIR

SENTIMOS EM TI NOSSA VITÓRIA
AVANTE JUVENTUDE, SEMPRE AVANTE
TEU NOME HÁ DE FICAR EM NOSSA HISTÓRIA
HONRANDO NOSA PÁTRIA MAIS GIGANTE





LOCALIZE NO MAPA :

— Faça um círculo na região conhecida como 'As Índias'.

Os Continentes:

- América
- África
- Europa
- Ásia

Os Países:

- Portugal
- Espanha

Os Oceanos e mares

- Atlântico
- Índico
- Mar Mediterrâneo

ANEXO

